

O PINTOR JOÃO GONÇALVES, EM FLORENÇA

Guido Battelli nas suas pesquisas constantes em favor das relações históricas entre Itália e Portugal, e conseqüentemente entre a Arte dos dois países, acaba de, a propósito de uma estadia de «O Infante Dom Pedro, Duque de Coimbra, em Florença», nos esclarecer um tanto sobre o mistério de umas pinturas a fresco com a *Vida de S. Bento*, no clausto da Badia Florentina, outrora atribuídas a Bronzino e ao Mestre da Natividade de Castello, mas ultimamente reconhecidas como obra dum monge e pintor português — Giovanni di Consalvo ⁽¹⁾.

O sábio historiador e crítico de arte, Mário Salmi, reproduz um desses frescos no seu livro sobre «Paolo Uccello, Andrea del Castagno, Doménico Veneziano» e foi quem primeiro deu informações aos portugueses da existência dessas pinturas e do nome do pintor, que outro investigador e crítico de arte, G. Poggi, identificara com os documentos preciosos que encontrara nos Arquivos referentes àquele mosteiro beneditino ⁽²⁾.

A ambos, pois, Portugal deve reconhecimento.

O parentesco manifesto naqueles doze frescos do Claustro das Laranjeiras com a obra de Paolo Uccello, sobretudo no Claustro Verde, de Santa Maria Novella

⁽¹⁾ ⁽²⁾ ⁽³⁾ «Paolo Uccello, Andrea del Castagno, Domenico Veneziano», por Mario Salmi. Tradução em francês por Jean Chuzeville. Edição N. R. F. Páginas 21, 22, 149 e estampa 12 b.

e no Claustro de San Miniato al Monte — onde repousa em esplendorosa capela supuleral o Cardeal D. Jaime, filho daquele Infante D. Pedro, Duque de Coimbra —, levou Mário Salmi a revelar-nos a boa novidade e foi então que aprendemos «Giovanni di Gonsalvo, Português, ter sido reembolsado, de 3 de Setembro de 1436 a 5 de Fevereiro de 1439, das despesas de tintas para pintar, e mais outros pagamentos para o pintor que pintou o Claustro, não mencionando o nome dêste», que se supõe ser um certo irmão Macário, converso beneditino, auxiliar do pintor português e possivelmente educado por Frei Angélico, o Santo dominicano (*).

É pois indubitável que aqueles doze frescos do Claustro das Laranjeiras, com motivos exóticos onde se encontram a par de novas ciências de perspectivas, «bustos dolicocefalos de santos à maneira provincial dos Flamengos» e algumas influências próximas de Uccello, nas formas geométricas, na paisagem das montanhas e no ar-ambiente, usando mesmo de determinada terra-verde e outras côres com *glacis*, foram dirigidos, inventados e pintados por João Gonçalves — João de Portugal — monge beneditino. Naquela mesma época e também em Itália, pintava em Volterra e em Pisa, o pintor português Alvaro Pires de Évora — Alvaro di Piero di Portogallo — citado por Vasari e há muito estudado e identificado por críticos sabedores de Itália e de Portugal (*).

Sobre João Gonçalves, pintor em Florença, que tinha o mesmo nome de outro pintor em Lisboa, irmão de Nuno Gonçalves e a quem José de Figueiredo atribuíra as táboas de «S. Sebastião» e de «Santo André», presumindo que figurasse no Político de S. Vicente, executado nos começos da 2.^a metade do mesmo século XV, nada mais se sabe em Portugal, além daquilo que se lê

no referido volume de Mário Salmi, para o qual, em primeira anúncio, tivemos a honra de chamar a atenção dos portugueses.

Guido Batteli, com o seu artigo citado e publicado agora numa revista portuguesa (*), sugere-nos presunções que passamos a articular: — «Nos registos da Badia Florentina dêste tempo [meados da primeira metade do século XV] são freqüentes os nomes de portugueses». Será um deles o daquele pintor?

Em Junho de 1429, o Infante D. Pedro — o das Sete Partidas do Mundo — arribava a Pisa e dirigia-se a Florença onde se hospedou no Mosteiro Beneditino de Santa Maria, fazendo «uma procuração legal em favor do seu escudeiro *Gonçalvez Ferrand*». Aquele Mosteiro tinha então como «abade um português: Dom Gomes Ferreira e talvez o seu aposento [do Príncipe D. Pedro] fôsse no lindíssimo Claustro das Laranjeiras, recém-edificado». (Salmi no volume citado di-lo construído em 1435-1436). Aí se demorou bastante tempo para tratos de cortesia e convívios de sabedoria com Cosme de Medicis, Tommaso Salvetti, Arcebispo de Corsini, Ambrosio Traversari e com os Albizzi e Strozzi; lá conheceu e estudou a obra dos poetas florentinos e, porventura, nela colheu elementos inspiradores para a própria, recebendo honras de dedicatórias e citações especiais nos manuscritos mais célebres dessa era. É, pois, natural que a sua presença, antes de partir para Veneza, houvesse influído e estimulado nas resoluções para que aquele poderoso abade, que era português, encarregasse um pintor seu irmão e patrício na execução daqueles notáveis frescos. E quem sabe se aquele escudeiro Gonçalves, a quem o Infante passou procuração legal por lhe merecer tanta consideração, não teria qualquer parentesco com

(*) Milanesi, Barocci, Poggi, Venturi, Reinaldo dos Santos, Vergílio Correia, etc.

(*) «Portucale», n.º 76-77. Páginas 153 e 154.

o pintor João Gonçalves, que nós ignoravamos e, pelos vistos, bem merece os cuidados dos críticos e dos sábios italianos para no-lo desenharem em outros pormenores, já que os portugueses não podem ou não procuram fazê-lo com o entusiasmo e urgência que o orgulho nacional exige nestes problemas?

Guido Battelli, a quem tantos favores de amizade já devemos, talvez seja a pessoa naturalmente indicada para mais esta achêga à História de Arte Portuguesa e suas relações extraordinárias com a Itália. Na guarda de Poggi deve existir o resto do segrêdo que a nossa ansiedade lhe suplica.

DIOGO DE MACEDO
Escultor

netra
África
fase

Em
uma
ritua
o qu
indif

o pú
cano

terio
gião
mais
tas

de u
Em
vida

men
polít
a oc
sima

habi